

AS MIGRAÇÕES NA ÁFRICA ANTIGA: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Benjamin Diouf¹

Resumo

Na África, durante a Antiguidade, populações migravam por razões políticas, econômicas e naturais. O continente havia igualmente acolhido vários estrangeiros que haviam deixado seus países pelas mesmas razões. Essas migrações tiveram impactos sobre as relações entre os povos autóctones e os migrantes. Hoje, torna-se importante revisitar este passado migratório da África para melhor compreender os problemas dos migrantes no continente.

Palavras-chave

África, antiguidade, migrações, migrantes, migratórios, causas humanas, causas naturais, consequências, hospitalidade, rejeição.

¹ Professor Assistente titular – Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar, Dakar, Senegal. E-mail: benjdiouf067@yahoo.fr
Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.
DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

Abstract

In Africa, during ancient times, men had migrated for political, economic and natural reasons. The continent had also welcomed several foreigners who had left their countries for the same reasons. These migrations had consequences for relations between indigenous peoples and migrants. Today, it is important to revisit this african migration past to better understand the problems of migrants on the continent.

Keywords

Africa, antiquity, migrations, migrants, migratory, human causes, natural causes, consequences, hospitality, rejection.

Introdução

Ao revisitar a história antiga da África, não podemos deixar de notar que esta conheceu movimentos migratórios significativos. Os povos africanos não permaneceram confinados a seus próprios países. Grupos étnicos ou indivíduos deslocavam-se constantemente entre o Egito, a Etiópia, a Líbia... Apesar da existência de fronteiras entre os diferentes Estados, a fim de fixar os povos, os movimentos migratórios permaneceram importantes. Além disso, as migrações registradas na África durante a Antiguidade não se restringiam aos africanos. A África antiga acolheu estrangeiros de diversas origens em seu solo. Entre eles estavam gregos, fenícios... A África Antiga era o continente onde muitos estrangeiros sonhavam conhecer. Mas, o que poderia explicar estes deslocamentos de indivíduos ou povos dentro, fora ou em direção à África? Tiveram esses movimentos migratórios impacto sobre as relações sociais? A análise destas questões nos levará a elucidar as causas da migração na África e suas consequências sobre as relações entre os povos autóctones e os migrantes.

I- As causas da migração na África

Em seus escritos sobre a África, alguns autores antigos se referiram ao deslocamento de populações dentro ou fora do continente negro, ou em direção a este. Grupos étnicos ou simples indivíduos africanos se estabeleciam definitiva ou temporariamente neste ou naquele outro Estado, por razões que estamos buscando descobrir. Os estrangeiros também se estabeleceram, a curto ou longo prazo, entre os povos africanos por várias razões. Entretanto, por mais diversas que sejam as causas da migração desses indivíduos e grupos, podemos classificá-las em duas categorias: causas humanas e causas naturais.

a- As causas humanas da migração:

Elas reúnem os vários fatores migratórios que emanam da vontade humana. Algumas migrações na antiguidade foram devidas a ações humanas. A organização da sociedade africana, como a de muitos outros povos, revela a existência de líderes, guias ou chefes ao nível étnico, do clã ou comunitário e estatal. Estes determinavam através de suas políticas os tipos de relação que se estabeleciam com o outro. Ora, ao examinarmos o governo desses chefes ou soberanos, notamos que era impulsionado por

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

cetos interesses, em detrimento de outros. Os interesses comunitários ou da classe dominante levaram a relações conflitantes que obrigaram os oprimidos ou desfavorecidos a fugir e se estabelecer alhures. Podemos, assim, falar sobre as causas políticas de certas migrações.

O desejo dos líderes de exercer seu domínio sobre outros povos levou a conflitos mortais que, algumas vezes, causaram a migração dos vencidos para outros lugares. A partir do Império Antigo, o Egito demonstrou tal ambição expansionista. A vontade política de estender tanto quanto possível o domínio egípcio impeliu vários faraós durante a história do país. Os governantes do Nilo tinham assim, desde cedo, conduzido campanhas militares a oeste e ao sul do Vale para colocar sob seu jugo ou expulsar os povos que ali haviam se fixado. Estas operações, marcadas por saques e massacres, forçaram os ocupantes destes lugares a migrar. Por exemplo os beduínos que fugiram de seu habitat após uma campanha militar de Pepi I, cuja atrocidade é assim descrita:

“Sua majestade equipou um exército de dez mil homens e voltou vitorioso, tendo destruído a terra do Povo da Areia, cortado suas figueiras e videiras, queimado suas casas, matado milhares de homens e feito muitos prisioneiros” (Grimberg.1985: 40).

Além disso, no decorrer de sua evolução, o homem sentiu o desejo de ir além dos limites do ambiente em que vivia. Essas excursões foram motivadas pela curiosidade de descobrir o que havia depois de seus lares e o desejo de adquirir novos bens. Trata-se, assim, de migrações cujas causas são econômicas. Estas foram realizadas por todos os povos. Os egípcios, tendo construído um estado sólido e próspero, sentiram a necessidade de visitar outros lugares para estender seu domínio sobre outros povos, ou para adquirir novas riquezas. Este fora o objetivo da expedição ordenada pelo faraó Neco:

“C’est Nécos, le roi d’Egypte, qui, le premier à notre connaissance, en a fait la démonstration ; après qu’il eut creusé le canal allant du Nil au golfe arabique, il fit partir sur des vaisseaux des hommes de Phénicie, avec ordre, pour leur retour, de pénétrer en passant les colonnes d’Héraclès dans la mer septentrionale, et de revenir par cette voie en Egypte.”²

Para o estudo da migração africana, duas grandes realizações devem ser observadas nesta passagem: o canal e a circum-navegação da África. Todas essas realizações reforçam a ideia de uma migração extracontinental dos africanos durante a Antiguidade. O plano de Neco era deixar o continente

² Hérodote, *Histoires IV*, 42, texte établi et traduit par Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1960.

para realizar trocas com outros povos. Infelizmente, seu empreendimento, que pode ter sido bem-sucedido, não levou ao estabelecimento de relações duradouras entre os egípcios e outros povos africanos.

Os tratamentos, que os soberanos reservavam para seus súditos, também poderiam ser a causa da migração. Quando o rei aterrorizava seu povo ou governava injustamente uma parcela deste, a emigração poderia resultar. As vítimas, não mais capazes de suportar a injustiça ou a opressão, terminavam por fugir para escapar ao seu triste destino. Segundo alguns historiadores antigos, a migração ditada por tais fatos ocorreu na África. De fato, trata-se da migração de egípcios para a Etiópia, cujas razões são comentadas por Heródoto nesta passagem:

“A partir de cette ville, vous atteindrez par bateau le pays des transfuges (Automoles), en autant d'autre temps que vous en aurez mis pour venir d'Eléphantine à la métropole des Ethiopiens. Ces transfuges ont pour nom asmach... C'étaient vingt-quatre myriades d'Egyptiens de la classe des guerriers, qui désertèrent chez ces Ethiopiens pour la raison que voici. Sous le règne de Psammétique, des postes militaires étaient établis dans la ville d'Eléphantine en face des Ethiopiens, un autre à Daphnae Pélusienne en face des Arabes et des Assyriens, un autre à Maréa en face de la Libye ; de nos jours encore, sous les Perses, les postes militaires occupent les mêmes lieux où ils se trouvaient du temps de Psammétique : il y a des garnisons perses à Eléphantine et à Daphnae. Donc, les Egyptiens en question avaient tenu garnison pendant trois années, et personne ne les relevait de leur faction ; ils se concertèrent et, d'un commun accord, tous quittèrent le service de Psammétique et partirent pour l'Ethiopie.”³

Esta deserção dos soldados egípcios pode ter outras razões que Heródoto ignora. De fato, os três anos que os soldados permaneceram em seus postos sem serem substituídos pode causar frustrações, mas não ao ponto de causar uma migração. Soldados estão habituados a longas campanhas militares, marcadas por combates épicos, que de forma alguma afetam sua ligação com seu líder e sua pátria. Não há nada mais precioso para o homem do que seu país e sua família. E se ele decide renunciar a estes, é porque é forçado a fazê-lo por fatos insuportáveis. Foi este o caso para os soldados de Psamético. Eles podem ter desertado e migrado para a Etiópia devido à um ou ambos os fatos. O rei e a hierarquia militar precisaram abandonar os militares aos seus postos sem satisfazer suas necessidades. Durante três anos, esses soldados ficaram confinados às fronteiras sem guerrear, e sem cidades para saquear e conseguir espólios, fonte de sua

³ Hérodote, *Histoires II*, 30, texte établi et traduit par Philippe E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1948.

Diodoro Sículo (*Bibliothèque historique I*, seconde partie, LXVII) e Estrabão (*Géographie*, XVII, 2) comentam igualmente sobre esses soldados egípcios que migraram para a Etiópia devido ao desdém de seu rei.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

riqueza. Além disso, a corrupção e a apropriação indevida de alimentos que atormentavam a administração egípcia não havia poupado o exército, onde as tropas podiam ter suas rações roubadas por líderes corruptos. Recordemos a este respeito a greve dos trabalhadores de Deir Almedina, durante o reinado de Ramessés II, devido ao desvio de suas rações.

Além disso, é possível que tenha havido uma diáspora africana na Europa durante a Antiguidade. A presença da palavra “*keftiou*”⁴ nos documentos egípcios para designar os habitantes de Creta e sua inscrição sobre um monumento egípcio, mencionando as embaixadas de países dependentes do Egito, é bastante eloquente. Vários documentos egípcios, desde o Império Médio ao Império Novo, utilizaram o termo “*keftiou*” para se referirem à Creta. Foi somente no período ptolomaico que este nome, uma vez abandonado, reapareceu para designar a Síria. As relações egípcio-gregas são muito antigas e o deslocamento dos povos não poderia se dar em sentido único. Comerciantes ou indivíduos egípcios precisaram se estabelecer na Grécia.

Heródoto confirma esta ideia neste trecho:

*“Manifestement, en effet, les Colchidiens sont de race égyptienne. [...] ensuite, et avec plus d'autorité, pour la raison que, seuls parmi tous les hommes, les Colchidiens, les Egyptiens et les Ethiopiens pratiquent la circoncision depuis l'origine [...] Signalons encore, à propos des Colchidiens, un autre point sur lequel ils se rapprochent des Egyptiens : eux et les Egyptiens sont les seuls à travailler le lin de la même manière.”*⁵

Graças ao assentamento de soldados egípcios em Cólquida, havia uma diáspora africana nessa parte da Europa. Estes soldados do faraó Sesóstris estabeleceram uniões com a população autóctone, fomentando a mestiçagem cultural e étnica. Eles certamente, após uma longa estadia, retornaram ao Egito. Mas será que todos eles partiram deixando esposas e filhos para trás? Possivelmente.

Não obstante, não acreditamos que todos esses laços familiares tenham sido assim definitivamente rompidos. Alguns precisaram permanecer na Cólquida ou retornar para ver suas famílias quando houvesse a oportunidade. Relações duradouras entre os dois povos eram necessárias para que os colquidianos perpetuassem o patrimônio cultural que haviam

⁴ Para maiores esclarecimentos sobre a história desta palavra, remetemos nossos leitores a obra do professor senegalês Babacar Diop Buuba, *Afrique ancienne dévoilée*, Panafrika Silex / Nouvelles du Sud, outubro 2017, p. 214-215.

⁵ Hérodote, *Histoires II*, 104-105 e Diodore de Sicile, *Bibliothèque historique I*, Première partie, XXVIII. A mestiçagem étnica grego-africana durante a Antiguidade é também registrada pela mitologia grega; sobre este assunto ver Ovídio, *Héroïdes*, v. 154-155.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

recebido dos egípcios. Além disso, surge uma questão a respeito deste legado: quem ensinou os colíquidanos a tecer como os egípcios? Foram evidentemente os egípcios; mas não soldados. No Egito, a prática profissional era altamente regulamentada. Cada cidadão herdava uma profissão, sem poder abandoná-la ou exercer uma outra. As pessoas da classe guerreira não praticavam nenhum outro ofício e, como as de outras classes, desprezavam as profissões manuais. Assim, ou os artesões egípcios se reuniram aos soldados na Cólquida, ou permaneceram para disseminar suas habilidades.

Para além dessas migrações de africanos, podemos observar nos autores antigos a emigração de povos estrangeiros para a África, cujas causas podem ser atribuídas à vontade humana.

A África antiga desfrutara de uma prosperidade que atraía diáspora mundial para seu solo. O desejo de enriquecer-se trocando seus produtos com os de outros povos levava fenícios e gregos às costas líbia e egípcia.

Os fenícios, que tinham como atividade principal o comércio, viajaram pelo Egito e pela Líbia trocando seus artigos de bronze, tecidos, vidrarias... por produtos da fauna, da flora e minérios africanos. Com o tempo, graças à sua familiaridade com as populações, os fenícios se estabeleceram no Egito. Marinheiros experientes com perfeito domínio das rotas marítimas alugavam seus serviços aos faraós. Eles se integraram gradualmente à população egípcia e aprenderam a escrita hieroglífica, da qual se serviram para criar o alfabeto fenício, base do nosso sistema de escrita. Os fenícios possuíam colônias na África, sendo a mais famosa Cartago, fundada em 814 a.C. Cartago era uma das cidades mais opulentas da costa mediterrânea. Esses habitantes trocavam seus produtos manufaturados por outro, metais e outros produtos das populações costeiras da África. Heródoto⁶ descreve uma dessas cenas de troca com os nativos líbios em sua *História IV*. Os fenícios fundaram também as cidades de Hadrumetum e Útica na costa tunisiana entre 1100 e 1000 a.C. e estabeleceram, na costa africana, pontos de comércio onde permaneciam por muito tempo, como Trípoli. Os postos comerciais fenícios abrigavam cerca de cem comerciantes que trocavam seus produtos com os dos nativos das áreas vizinhas.

Os gregos, por sua vez, aportaram na África neste mesmo enquadramento comercial. O desenvolvimento da indústria proporcionara aos marinheiros

⁶ Hérodote, *Histoires IV*, 196, texte établi et traduit par Philippe E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1960.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

gregos itens negociáveis em costas estrangeiras. Estes chegavam às águas africanas em barcos cheios de ânforas de vinho, azeite de oliva, vasos, pratos... que trocavam por produtos dos nativos. Os gregos estabeleceram relações amistosas com os egípcios e se tornaram seus primeiros parceiros comerciais. Diante da entrada massiva de produtos gregos no Egito, o Faraó Amósis organizou o setor comercial e construiu o porto de Náucratis. Esta cidade será o símbolo da presença grega no Egito. Segundo Heródoto⁷, era o lar de uma importante colônia de comerciantes gregos que ali se estabeleceram com a permissão do Faraó Amósis.

A migração estrangeira para a África nos tempos antigos não se deveu apenas à riqueza econômica do continente. Naquela época, o continente era um epicentro cultural e o centro do conhecimento. Os egípcios promoveram um avanço notável na busca do conhecimento. Seus sacerdotes eram mestres da medicina, da matemática e da filosofia. Seu renome se espalhou para além das fronteiras africanas. Todos os gregos, fenícios e outros comerciantes que os conheciam, elogiavam sua experiência em todos os campos do conhecimento. Isto despertara um forte desejo entre os intelectuais gregos e de outros lugares de viajar ao Egito para realizarem seus estudos. Foi assim que muitos estudantes e pensadores gregos desembarcaram na terra dos faraós. Entre estes, podemos citar Tales, Pitágoras, Euclides e Platão, que se tornarão figuras de destaque no mundo intelectual. A passagem pela África se tornou obrigatória para estudantes e eruditos gregos. Os que foram educados no Egito eram melhor ouvidos no meio intelectual helenístico, como atesta o trecho:

“L’Egypte était, aux yeux des Grecs, comme le berceau de toute science et de toute sagesse. Les plus célèbres parmi les savants ou les philosophes hellènes ont franchi la mer pour chercher, auprès des prêtres, l’initiation à de nouvelles sciences. Et s’ils n’y allèrent pas, leurs biographes s’empressèrent d’ajouter, aux épisodes de leur vie, le voyage devenu aussi traditionnel que nécessaire !” (Noblecourt, 2004: 142).

Finalmente, após a conquista do Egito por Alexandre o Grande e sua morte, Alexandria, cidade cujo traçado ele escolheu e que foi construída por Ptolomeu I, fora um dos mais importantes centros de conhecimento do mundo. A biblioteca de Alexandria, ali construída, atraiu os grandes intelectuais da época que vieram ao Egito para trabalhar na biblioteca. É o exemplo de Eratóstenes, Estrabão, Euclides, Apolônio de Perga, Teofrasto, Diodoro Sículo, Herófilo da Ásia Menor e Erasístrato. A biblioteca reunia

⁷ Heródoto, *Histoires II*, 178.

milhares de livros abrangendo todos os campos do conhecimento da época. Muitas obras antigas chegaram até nós graças a ela.

b- As causas naturais da migração:

Os riscos naturais continuam uma das principais causas da migração. A escassez de água, alimentos e outras calamidades naturais favoreceram o deslocamento dos povos para onde quer que fosse. Recordemos que as migrações em busca de água ou alimento têm acompanhado a evolução humana sobre a terra. Muito antes de se sedentarizar, o ser humano era um caçador-coletor que se deslocava constantemente para satisfazer suas necessidades naturais. A sedentarização não eliminou nos homens o hábito de migrarem em busca de condições de vida mais favoráveis quando seu meio de vida não mais os ofereciam.

As migrações entre o Egito e a Etiópia foram muito frequentes. Ambos os povos muitas vezes viveram em um ou outro país por várias razões. Escavações arqueológicas descobriram estelas em Buém que comprovam a vida de muitas famílias egípcias na Núbia durante o Médio Império. Na Núbia, os egípcios lidavam, por exemplo, com o trabalho do cobre. Heródoto também registra que egípcios e etíopes viviam juntos na ilha de Tachompsó, perto de Elefantina. Os egípcios haviam migrado para este lugar a fim de encontrar condições de vida semelhantes às de seus concidadãos que tinham acesso direto às águas do Nilo. A este respeito, é importante lembrar que a população egípcia era tão numerosa que parte dela, vivendo longe do rio, enfrentava problemas de abastecimento de água: *“Tous ceux des Egyptiens dont les villes n’étaient pas sur le fleuve mais au milieu des terres, chaque fois que le fleuve se retirait, manquaient d’eau et n’avaient qu’une boisson saumâtre, tirée des puits...”*⁸

Esses migrantes egípcios se estabeleceram, portanto, em Tachompsó para desfrutar dos benefícios da água e da fauna e flora da região. Muitos escritos antigos também apontam uma presença etíope permanente no Egito, onde ofereciam, por exemplo, seus serviços no comércio de armas. Esta mesma Etiópia, com seu clima quente e vegetação escassa, possuía outras riquezas naturais que atraíam a cobiça de seu vizinho egípcio. A Etiópia possuía importantes minas de ouro que levaram egípcios a ali se estabelecerem para explorá-las.

⁸ Heródoto, *Histoires II*, 108.

Além disso, na Líbia antiga, o deserto, que cobre uma vasta parte do país, teve grande influência na vida dos povos que forçou a migrar. A rápida desertificação, causando o ressecamento da flora, pontos de água e o desaparecimento da fauna, forçou os beduínos a abandonar seu antigo habitat. Eles migraram para a fronteira do Egito a fim de se aproximarem do Vale do Nilo. Famintos, esses líbios constantemente batiam à porta do Delta buscando algo para seu sustento. Apesar das represálias dos egípcios, que zelosamente guardavam seu Eldorado, a pressão líbia era constante. Nada poderia diminuir o ardor desses migrantes que tentavam sobreviver a todo custo. Sua determinação lhes rendeu a permissão de se estabelecerem a oeste do Delta no século XII a.C., durante o reinado de Ramsés III. Inúmeros líbios viveram nesta parte do Egito antes de se dispersarem para outras cidades e integrarem os serviços do Estado egípcio. De fato, os líbios que migraram para o Egito chegaram mesmo a governar o país durante as XXII e XXIII dinastias.

Entretanto, apesar da emigração líbia para o Egito, a Líbia não era uma área totalmente inóspita. Alguns desses ambientes haviam atraído outros povos africanos. A vasta região de Fezã fora outrora ocupada por um grande povo de pastores e agricultores, os Garamantes. Eles viviam em torno de um oásis que lhes provinha todas as condições para uma boa vida. A presença de água e flora abundantes nesta área atraiu para lá os trogloditas, povo da Etiópia. Segundo Heródoto⁹, fugindo do calor opressivo e da aridez de seu país, estes se instalaram temporariamente em Fezã, onde foram perseguidos pelos Garamantes.

Neste campo das migrações internas na África, assinalemos a migração dos etíopes que faziam fronteira aos acridófagos ou comedores de gafanhotos. O deslocamento desses etíopes deveu-se a um fenômeno bastante singular. Segundo Diodoro Sículo¹⁰, eles haviam fugido de seu país invadido por aranhas e escorpiões. Poderíamos acreditar estarmos diante de um conto de fadas ao ler a passagem de Diodoro. Mas o historiador, que relatou os fatos, não os considera implausíveis, pois eventos similares haviam ocorrido em outros lugares, como na Itália, onde ratos, tendo devorado a vegetação e as colheitas, forçaram os habitantes a se exilarem e em Média, onde uma invasão de pardais levou a população a migrar. Da mesma forma, a chegada de bestas ferozes, buscando, perto das moradias, presas que se tornaram raras, forçou os habitantes a se refugiarem alhures.

⁹ Heródoto, *Histoires* IV, 183.

¹⁰ Diodoro Sículo, *Bibliothèque Historique* III, XXX, texto estabelecido e traduzido por M. Ferd Hoefer, Paris, Charpentier, 1846.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

Além disso, a história da migração na África registrou uma chegada maciça em solo africano de estrangeiros fugindo às calamidades naturais. Foi o caso dos gregos que fundaram a cidade de Cirene na Líbia, em 644 a.C. Vejamos o que diz Heródoto sobre a história da fundação desta colônia grega:

“Mais, pendant sept ans par la suite, il ne plut pas à Théra , et, pendant ce temps, tous les arbres qu’ils avaient dans l’île, à l’exception d’un seul, séchèrent. Les Théréens consultèrent l’oracle ; la Pythie répondit par l’ordre déjà donné d’envoyer une colonie en Libye.”¹¹

A realidade é que os tereus haviam migrado para a Líbia por razões de sobrevivência. A Grécia é um país montanhoso com poucas terras cultiváveis e onde o crescimento demográfico representava um problema alimentar para muitas cidades. O trigo produzido em toda a Ática era insuficiente para alimentar o povo grego. Assim, foi preciso que deixar suas cidades e buscar uma vida melhor em outro lugar. Cidadãos gregos que esperavam ter algo para tornar suas vidas diárias mais agradáveis, revigorados pelas histórias dos marinheiros mercantes, decidiram visitar outros países para conseguir pão suficiente e fazer fortuna. Como resultado, nos séculos VIII, VII e VI muitos cidadãos gregos deixaram a Ática, fundando diversas colônias na Europa e na África, entre elas Cirene. Um grande número de gregos havia aí se estabelecido e feito desta parte da Líbia o celeiro da Grécia.

Além de Cirene, os gregos fundaram quatro outras cidades na Líbia: o porto de Cirene (mais tarde Apolônia), Tauchira, Barca (atualmente Al-Marj) e Euhepérides. No plano político, essas diferentes colônias viviam ao ritmo das cidades gregas. Elas foram conquistadas por Ptolomeu após a morte de Alexandre o Grande, que lhes havia deixado sua independência. Sob domínio ptolomaico, algumas dessas cidades receberam novos nomes¹²: Tauchira foi rebatizada Arsínoe (atualmente Tokra), e o porto de Barca tornou-se Ptolemaida (atualmente Tolmeta); Euhepérides deu origem a uma nova cidade, Berenice (atualmente Bengasi) e o porto de Cirene foi elevado à categoria de cidade com o nome de Apolônia (atualmente Susa). Muitos estrangeiros, como os judeus, se estabeleceram nessas cidades por diferentes razões.

No final desta parte, contata-se que os movimentos migratórios na África foram altamente intensos durante a Antiguidade. As migrações dentro, fora e em direção ao continente colocaram diferentes povos em contato uns

¹¹ Hérodote, *Histoires* IV, 151.

¹² *Histoire générale de l'Afrique, II Afrique ancienne, Présence Africaine/ Edicef/ Unesco*, 1987, p. 176.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

com os outros. Mas que atitudes adotaram um em relação ao outro? Esta pergunta nos leva a examinar as relações entre os povos autóctones e migrantes na África antiga.

II- As consequências da migração

Causas humanas ou naturais por vezes obrigaram povos e indivíduos a abandonarem seu antigo habitat para se estabelecerem em meios já ocupados por outros. Estes, os autóctones, reagiram de diferentes formas aos migrantes, adotando uma atitude hospitaleira ou hostil em relação a esses estrangeiros.

a- A hospitalidade:

Durante a migração interafricana, os povos foram forçados a fazerem contato, o que não foi fácil no início. Os autóctones olhavam com desconfiança para os recém chegados. Este comportamento é completamente normal, pois de um dia para o outro, sem estarem preparados, os nativos se viram diante de indivíduos com os quais não tinham nada em comum. As diferenças de idioma, vestuário e outras foram obstáculos a qualquer colaboração rápida. No entanto, isto não exclui a existência de um acolhimento benevolente à migrantes na África. Um exemplo de uma boa coabitação entre autóctones e migrantes é a partilha da ilha de Tachompso entre etíopes e egípcios. Este local, situado além de Elefantina em território etíope, acolheu esses dois povos que, apesar de suas diferenças, conseguiram viver ali pacificamente¹³.

Os etíopes, já moradores da ilha, receberam seus vizinhos e concordaram em compartilhar com eles os recursos ali existentes. Esta atitude etíope fora favorecida pelo comportamento dos recém-chegados egípcios, que certamente não procuravam se tornar os mestres da ilha. Foi necessário que cada povo demonstrasse as disposições de uma vida em comum para que houvesse esta coabitação. Além da ilha de Tachompso, Estrabão aponta outra ilha, depois de Elefantina, onde a população havia se misturado:

“Un peu au-dessus d'Eléphantine est la petite cataracte, où les bateliers du pays donnent parfois aux gouverneurs un curieux spectacle. [...] Un peu en amont de la petite cataracte se trouve [l'île de] Philae, dont la population est mi-partie éthiopienne, mi-partie

¹³ Hérodote, *Histoires II*, 29. Esta ilha ainda não foi identificada formalmente. Alguns acreditam que seja a ilha de Derar, no antigo Egito, localizada ao sul de Dakkeh.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

égyptienne, et qui, déjà semblable à Eléphantine par l'étendue, lui ressemble encore par l'aspect de ses monuments, de ses temples notamment, tous bâtis dans le style égyptien.”¹⁴

Os habitantes de Filas são um excelente exemplo de migração bem sucedida. Os dois povos – etíopes e egípcios – que ali viviam tornaram-se um só povo unido por laços de sangue. Sua imbricação étnica e cultural resultou de uma paz demonstrada por todos desde o início e consolidada por um espírito de partilha, pois esta é a base de toda vida comunitária. A estes exemplos devem ser somados os dos etíopes, egípcios ou líbios que, apesar da hostilidade inicialmente demonstrada pelos povos para os quais haviam migrado, conseguiram ser aceitos pela população ao ponto de coabitarem.

Além disso, o acolhimento benevolente dos africanos aos estrangeiros é especialmente enfatizado, nos textos antigos, pelas relações com os fenícios e os gregos. Os fenícios haviam se habituado aos africanos graças ao comércio. A partir de pequenas escalas realizadas inicialmente nas costas para trocar seus produtos, eles gradualmente se familiarizaram com as populações nativas antes de se estabelecerem entre eles. Tal fora o caso no Egito, onde os fenícios foram bem recebidos pelas autoridades e pela população. A hospitalidade faraônica lhes permitiu trabalhar na navegação e no comércio egípcio. Eles se tornaram mesmo navegadores da frota real. Sua boa integração na população lhes permitiu aprender a escrita egípcia, que eles próprios modificaram antes de popularizá-la.

Os comerciantes gregos se beneficiaram, muito mais, da simpatia dos egípcios. Eles não só puderam se estabelecer em Náucratis ou em qualquer outra cidade egípcia, mas também construir seus locais de culto e eleger seus juízes graças à benevolência do faraó:

“Amis des Grecs, Amasis donna à quelques-uns d’entre eux des marques de bienveillance ; notamment, à ceux qui venaient en Egypte, il concéda pour y habiter la ville de Naucratis ; à ceux qui ne voulaient pas habiter là, mais que la navigation y amenait, il concéda des emplacements pour y élever des autels et des sanctuaires à leurs dieux.”¹⁵

Os negociantes gregos que viviam no Egito eram melhor tratados do que em casa, pois desfrutavam das vantagens do país anfitrião e permaneciam ligados aos seus costumes e hábitos. Os intelectuais, que vinham ou para investigar ou para estudar, gozavam dos mesmos privilégios. Eles foram guiados, informados e ensinados pelo povo e pelos eruditos egípcios. Eles permaneciam no país o tempo que quisessem e não corriam perigo. Platão

¹⁴ Strabon, *Géographie XVII-I*, 49, tradução francesa de Amédée Tardieu, Paris, Hachette, 1909.

¹⁵ Hérodote, *Histoires II*, 178.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

viveu treze anos no Egito para aprender filosofia e ciências sacerdotais junto aos sacerdotes Sekhnuphis, em Heliópolis, e Khnuphis, em Mênfis. Durante todos esses anos, ele foi bem tratado por seus anfitriões.

b- A rejeição:

A visão dos povos autóctones sobre os migrantes era, na maioria das vezes, repulsiva. A desconfiança inicial se transformava rapidamente em hostilidade. Tal reação é facilmente explicável. Os nativos ocupavam lugares com água e alimentos dos quais sua sobrevivência dependia, e os recursos disponíveis podiam não mais ser suficientes para atender às necessidades dos ocupantes. Assim, por instinto de sobrevivência, eles impediam o acesso a todo estrangeiro que se aproximasse de seu habitat. As reações de rejeição aos migrantes foram violentas, a fim de mantê-los afastados para sempre. Este foi o caso da verdadeiras caça ao homem que os egípcios conduziram a oeste e ao sul do Delta contra os líbios e os etíopes. Quando nos séculos XIII e XII a.C. os líbios foram forçados pela fome, devido à desertificação de seu ambiente, a bater às portas do grande vizinho, eles não foram bem recebidos. Os faraós Sétí I e Ramsés II, por exemplo, ergueram barreiras em seus pontos de passagem, alocando soldados ali. Estes últimos os invadiam frequentemente para levá-los para longe do paraíso que era o Vale do Nilo. E mesmo que esses pobres líbios tenham recebido, mais tarde, permissão faraônica de se estabelecerem a oeste do Delta, não foi por benevolência. Ramsés III, que havia notado suas qualidades militares, concordou em recebê-los em seu solo na condição de que se alistassem em seu exército.

Esses mesmos conflitos, que colocavam egípcios e líbios uns contra os outros pela salvaguarda de cantos estratégicos essenciais à vida, ocorriam entre etíopes e líbios. Os primeiros, fugindo ao calor e da aridez de seu país, entraram na Líbia onde lutaram contra os autóctones decididos a não compartilhar os benefícios de suas terras com ninguém. O eco de suas lutas chegou até nós graças à Diodoro Sículo:

“Il existe aux environs du Nil, dans la Libye, un endroit très beau, qui produit avec profusion et variété tout ce qui sert à l’entretien de l’homme ; et on y trouve, dans les marais, un refuge contre les chaleurs excessives. Aussi les Libyens et les Ethiopiens sont-ils continuellement en guerre, pour se disputer ce terrain.”¹⁶

¹⁶ Diodore de Sicile, *Bibliothèque historique* III, X.
Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.
DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

Além disso, deve-se observar que as relações entre africanos e estrangeiros, que alojaram, eram por vezes conflituosas. Se os gregos, a nosso conhecimento, viveram no Egito sem muitas dificuldades, o mesmo não aconteceu na Líbia. A colônia grega naquele país não era mais bem-vinda aos líbios. De acordo com Heródoto¹⁷, os líbios reprovavam os gregos por terem tomado suas terras. A percepção dos líbios, de estarem privados de uma grande parte de seus recursos de subsistência, levou a uma forte inimizade entre líbios e gregos. Os dois povos terminaram por travar uma batalha que viu os egípcios intervirem em favor dos líbios. A guerra foi ganha pelos gregos, que acabaram por ganhar o direito de se estabelecerem indefinidamente na Líbia.

As relações entre os povos autóctones e migrantes, na África antiga, nunca mais foram as mesmas. Elas permaneceram dependentes da abertura dos primeiros e do comportamento dos segundos. A cordialidade prevalecia quando os nativos não se sentiam ameaçados e espoliados de suas riquezas. Do contrário, a raiva ganhou corações e provocou conflitos mortais.

Conclusão

Na África, durante a antiguidade, os povos se deslocaram significativamente dentro e fora do continente. Suas migrações resultaram tanto de causas humanas quanto naturais. A África também recebeu muitos migrantes estrangeiros que haviam deixado seus países pelas mesmas razões. Os contatos entre os povos autóctones e os migrantes às vezes levaram à solidariedade e às vezes ao ódio. Estudando estes movimentos migratórios hoje, podemos aprender lições do passado, seja para evitar migrações em massa, seja para melhorar o destino dos migrantes.

¹⁷ Hérodote, *Histoires IV*, 159.

Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 - 2020.2. p. 15-30.

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12826

Referências bibliográficas

DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique I*, texte établi et traduit par M. Ferd Hoefer, Paris, Charpentier, 1846.

DIODORE DE SICILE. *Bibliothèque Historique III*, texte établi et traduit par M. Ferd Hoefer, Paris, Charpentier, 1846.

DIOP, Babacar buuba. *Afrique ancienne dévoilée*, Panafrika Silex / Nouvelles du Sud, octobre 2017.

GRIMBERG, Carl. *Histoire universelle 1, l'aube des civilisations*, traduction Gérard Colson et adaptation française sous la direction de Georges H. Dumont, Nouvelles éditions-Marabout, 1985.

HERODOTE. *Histoires II*, texte établi et traduit par Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1948.

HERODOTE. *Histoires IV*, texte établi et traduit par Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1960.

Histoire générale de l'Afrique, II Afrique ancienne, Présence Africaine/ Edicef/ Unesco, 1987.

OVIDE. *Héroïdes*, texte établi par H. Bornecque et traduit par M. Prévost, Paris, Les Belles Lettres, 1928.

NOBLECOURT, Christiane Desroches. *Le fabuleux héritage de l'Egypte*, éditions Télémaque, Paris, 2004.

STRABON. *Géographie XVII-I*, traduction française Amédée Tardieu, Paris, Hachette, 1909.